

Cristina Inogés-Sanz

Cartas à
Comunidade
de Santa Marta

Outubro de 2023 e Outubro de 2024

*Cartas enviadas por Cristina Inogés-Sanz, semanalmente,
à comunidade da capela do Hospital de Santa Marta, em Lisboa,
por ocasião das duas sessões em Roma (2023 e 2024)
da XVI Assembleia do Sínodo dos Bispos (2021-2024).*

I

Roma, 4 de Outubro de 2023

A todos os amigos da Comunidade de Santa Marta, Lisboa

Meus queridos amigos da Comunidade de Santa Marta:

Sei que hoje é o primeiro dia em que vos encontráis de novo depois do Verão. Estou longe de vós, em Roma, mas quero, de alguma maneira, aproximar-me e partilhar convosco a celebração.

É o que dá sentirmo-nos unidos numa Pessoa que nos ensinou que o importante não são tanto os ritos, mas o amor que temos entre nós, e esse amor une-nos neste momento, apesar dos 2.509 KM (segundo a Google) que nos separam.

O dia em que se inauguraram as sessões de trabalho com a presença do Papa, ao chegar à Aula Paulo VI, onde nos reunimos, Francisco já aí estava, na sua cadeira de rodas. Temos liberdade absoluta para nos aproximarmos dele, sem qualquer tipo de protocolo. Aproximei-me e ele, como de costume, viu-me, levantou os braços e disse-me: «Cristina, afinal mexes-te! É

que te vejo sempre quietinha na foto da revista *Vida Nueva!* Que vontade tinha de ver-te e quanto agradeço que tenhas vindo. Por favor, ajuda-me a mover isto!». Tudo isto com as nossas mãos entrelaçadas. Nunca tinha imaginado sequer algo assim.

Há um bom ambiente, pelo menos até agora. Creio que todos estamos conscientes da realidade em que estamos. Houve alguém que comentou por aqui, há uns dias, no retiro que tivemos, a maravilha que foi poder estar no Tabor com Jesus. Insistiu muito nisso, tanto que creio que ainda permanece lá em cima, sem se dar conta que do Tabor é preciso descer e encarar as mesmas frustrações, medos, esperanças...

Assim vos descreveria aquilo que é a Assembleia neste momento: como um constante subir e descer o Tabor. Vemos que seria maravilhoso ficar lá em cima, mas a realidade, ao descer, mostra-nos que há muito trabalho por fazer e, então, convertemo-nos em discípulos de Emaús, que caminham com as suas frustrações e decepções, e aceitam que alguém se junte a eles, os escute e essa relação converte-se em casa – literalmente – para os três.

Cada um de nós está a descobrir uma infinidade de questões em que não tinha pensado, ou que não tinha reflectido o suficiente. Há tensões, mas isso não é mau, significa que há vida e estarmos vivos é bom.

Como vedes, temos muito trabalho na Assembleia, mas em cada dia, Deus permite que me fixe numa palavra, num gesto, numa frase que me leva a pensar em vós e, na minha mente e, sobretudo, no meu coração, desenha-se a imagem da capela, com a sua luz ténue, e convosco nela.

Sou da opinião de que nada na vida acontece por acaso porque o acaso não existe e, ter-vos conhecido não foi por acaso, foi antes algo tão inesperado como maravilhoso, pelo menos para mim. O diálogo que temos ao terminar a celebração, no claustro, interessarmo-nos uns pelos outros, partilhar um docinho, é do que sinto saudades, em Roma, e também quando estou em qualquer outro lugar. São os gestos simples que acabam por deixar recordações mais profundas.

Não quero entreter-vos mais. Só queria dizer-vos que gostaria muito de poder acompanhar-vos pessoalmente nesta primeira celebração do novo ano pastoral. Espero estar convosco em breve e contar-vos algo mais do que se passou na Assembleia sinodal, e espero acompanhar-vos em Janeiro durante mais tempo, porque gostaria de fazer um curso intensivo de língua portuguesa e viver em Lisboa durante esse tempo (e, depois, para sempre).

Hoje, depois de almoçar, fui passear até ao Castello di sant'Angelo, e vinha à memória um pequeno verso do vosso (e um pouco meu) Daniel Faria que diz:

Seja que for

Será bom

É tudo

Pois, isso mesmo desejamos que seja...

Até breve. Um abraço grande para todos,

Cristina

P.S.: No próximo dia em que esteja com o Francisco, vou dar-lhe um abraço da vossa parte.

II

Roma, 11 de Outubro de 2023

A todos os amigos da Comunidade de Santa Marta, Lisboa

Meus queridos amigos da Comunidade de Santa Marta:

Foi uma semana muito intensa.

A primeira coisa que quero dizer-vos: como vos prometi, dei um abraço vosso ao Francisco. Mostrei-lhe fotos da Capela. Que pena não ter comigo uma foto vossa para lhe mostrar. Ele agradeceu muito e, com o seu bom humor de sempre, disse: «Assim estamos todos unidos em Santa Marta! Isso é bom». Chamou-lhe a atenção a simplicidade da cruz e disse ainda: «Oxalá todas as cruzeiras nas igrejas fossem tão simples... E também as da vida. Celebrem juntos toda a vida possível, disfrutem de ser comunidade». Falar com ele, para mim, é viver a experiência de falar com os avós – eu que nunca conheci os meus avós.

Conheci o Luca Casarini, que participa [no Sínodo] também por designação do Papa Francisco. Luca criou, há uns

anos, uma associação chamada *Mediterranea*, dedicada a resgatar náufragos das embarcações que cruzam esse mar, com pessoas em busca de uma vida melhor. Perante pessoas que são capazes de pôr em acção o que ele conseguiu, sinto-me muito, muito pequena.

Explicou-me que tudo começou com um sonho que teve uma noite, onde via a afogar-se no mar os seus dois filhos. Ao acordar, começou a ligar aos seus amigos para ver o que podiam fazer, porque não podiam permanecer indiferentes. Nenhum deles sabia navegar, nem percebiam de barcos, nem tinham dinheiro... mas o desejo era muito forte e não podia deixar de tentar.

O dinheiro conseguiu da Banca Ética, compraram o barco e pediram ajuda a marinheiros aposentados, que são os pilotos do barco, por turnos. Mas queriam mais e lançaram um pedido de ajuda: queriam um padre no barco. Apresentou-se como voluntário, um jovem padre da Sicília que acompanha cada saída. O lema da associação é belíssimo e serve para nos deixar a pensar: «Nós socorremo-los. Eles salvam-nos».

Explicou-me que a sua vida mudou radicalmente porque, para ele, é um privilégio, num mundo cujo triunfo está em matar e destruir, salvar uma vida e abraçar um irmão é um dom.

Ao terminar a conversa, abraçámo-nos e, confesso-vos que não pude evitar de chorar.

Quando terminou a sessão de trabalho, não me apetecia comer e fui passear para os jardins do Vaticano – já que fomos autorizados a passear pelos jardins sempre que quisermos. É um lugar maravilhoso onde se sente muita paz. Há silêncio, apesar da Roma ruidosa que nos rodeia, e no ar sente-se o perfume de muitas plantas. Depois de caminhar um pouco, sentei-me num banco e vi dois passarinhos disputarem por um pouco de comida. Veio à minha mente Marco, um bispo de uma diocese muito pequena em Cuba; que também participa nos trabalhos da Assembleia. No primeiro dia em que comi com ele, surpreendeu-me porque, ao partir uma maçã, chorou. Explicou-me que se sentia culpado por poder comer uma maçã inteira, porque, em Cuba, uma só maçã custa o salário de meio mês [de trabalho]. Desde então, se estamos perto, fixo-me na forma tão cuidada e respeitosa com que trata a comida. Naquele dia de manhã, disse-me que sonhava levar maçãs para Cuba.

Digo-vos a verdade: o melhor da Assembleia são os encontros tão humanos como estes. Tudo o mais, está bem, mas é trabalho. Isto é vida. E pessoas como o Luca e o Marco são realmente quem transforma o mundo e nos ensina a olhar de uma outra maneira.

Esta semana aprendi o valor dos sonhos, não por nos darem uma falsa esperança, antes porque se podem tornar realidade. Não tenhamos medo de sonhar! Deus sonha nos nossos sonhos.

Tenho muita vontade de ver-vos.

Até breve. Um abraço grande para todos,

Cristina

III

Roma, 20 de Outubro de 2023

A todos os amigos da Comunidade de Santa Marta, Lisboa

Meus queridos amigos da Comunidade de Santa Marta:

Falta só uma semana para terminar a Assembleia. E eu agradeço, porque há dias que são esgotantes.

Outros, porém, começam bem. Na passada Terça-feira, ao chegar de manhã, entrei no Vaticano por uma porta lateral. Ao entrar, vi que Francisco saía de Santa Marta e ia na sua cadeira de rodas para a Aula Paulo VI – que é onde decorrem os trabalhos.

Viu-me e disse: «Que lindo. Vamos juntos trabalhar!». Comentou comigo que liga todos os dias ao pároco de Gaza e a uma comunidade de religiosas que acolhe crianças que ficam órfãs.

Quando chegámos à porta de entrada, afastei-me para que passasse primeiro e ele, com um sorriso, disse-me: «Por favor, as senhoras primeiro», e começámos os dois a rir.

Não é fácil rir num mundo que se parte em pedaços diante dos nossos olhos. Individualmente pouco podemos fazer, porém como Igreja...

Luca [Casarini] de quem vos falei na carta anterior, disse-me hoje que esta semana [os da *Mediterranea*] saíram com um barco três vezes e resgataram quase 300 pessoas, entre elas, várias crianças e um bebé com uns meses de vida, que praticamente, os viveu no pequeno barco donde foram resgatados.

É um drama ter de fugir para procurar uma vida melhor, mas também é outro drama ter de passar pelas redes de tráfico de pessoas. Todos pagam um preço altíssimo para subir para o barco, sem qualquer garantia de segurança. E enquanto isto anda às voltas no meu coração, vejo aqui pessoas que só são capazes de mover-se no mundo das ideias, no cérebro, incapazes de se deixarem surpreender pela inteligência do coração.

Vejo que na Igreja existe medo das emoções, dos sentimentos. Por isso penso que é tão incompreendido o Papa Francisco. Creio que deveríamos ser suficientemente inteligentes e valentes para elaborar uma teologia dos sentimentos e das emoções. Suponho que estou a sonhar acordada...

Em dois dias desta semana fiquei a trabalhar na hora do almoço. No primeiro dia, chegou uma visita inesperada à Aula

Paulo VI: um grilo! Estava a escrever e, de repente, dei-me conta da sua presença. Foi uma bela sinfonia de fundo, inesperada, agradável. Ri-me pensando na cena: o grilo a apresentar a sua acreditação de membro da Assembleia aos seguranças na entrada... tantas medidas para conter toda a informação dos trabalhos e ali estava um grilo, na primeira fila e indetectável.

Assim temos muitas pessoas na Igreja: na primeira fila e não as vemos, nem as ouvimos, nem as escutamos. A sua voz não é tão harmoniosa como a do grilo, mas muito mais interessante. Quantas acreditações de segurança, sobretudo moral, deveriam desaparecer da nossa Igreja!!!

Tentarei escrever-vos mais uma carta na próxima semana, mas não posso garantir, porque será a última e o trabalho será muito intenso.

Já falta pouco para nos vermos.

Até já. Um abraço grande para todos,

Cristina

IV

Roma, 27 de Outubro de 2023

A todos os amigos da Comunidade de Santa Marta, Lisboa

Meus queridos amigos da Comunidade de Santa Marta:

Quando escutardes esta carta – que o António vos lerá – já terão acabado os trabalhos da Assembleia. Amanhã, Domingo, será a eucaristia de encerramento e, no próximo Sábado, já nos veremos em Santa Marta – a de Lisboa. A outra, a do Vaticano, esperará até ao próximo ano.

Foi muito bom conhecer outras realidades eclesiais que nos eram desconhecidas: sabemos que os problemas que para uns são urgentes, para outros são relativos; que o que para uns é intocável, para outros é importante abordar; para alguns a tradição nasceu ontem e, para outros, nasceu com o mundo; uns crêem que não se lhe pode tocar, nem sequer para tirar o pó, e outros pensam que se pode tornar mais actual... Em conclusão, vi essa Igreja que Francisco definiu como um poliedro. E, sim,

tem muitas faces que não quebram a unidade e que manifestam uma diversidade muito interessante e enriquecedora.

Pediram-nos para sermos discretos ao falar da Assembleia, mas não porque haja segredos ou coisas de que não se possa saber. É, simplesmente, para evitar que alguns utilizem [questões ainda em processo] para continuarem a atacar o Sínodo e Francisco. Não há nada secreto. Entre os cristãos, nunca deveria haver segredos.

Esta semana foi atípica: teve de alterar-se o calendário e – surpresa! – tivemos um dia inteiro de folga... Já nem me lembrava do que isso era. Sentei-me num sofá, no terraço da residência onde fico alojada, e comecei a pensar na Igreja samaritana de que nos fala Francisco.

Ele faz referência à parábola do bom samaritano como modelo para a Igreja que deve cuidar, curar e proteger feridos de todo o género. A Igreja que se centra nas pessoas e que vê nelas Cristo passando pela mesma situação que elas.

Pensando nisto, ocorreu-me que se falamos de Igreja samaritana, porque não unir a parábola do bom samaritano e o encontro de Jesus com a samaritana?

Por um lado, a Igreja que cuida e cura através de uma pessoa que nada tem a ver com a religião oficial, por outro, a Igreja que anuncia, que evangeliza através de uma mulher que

está em busca e que, pelo simples facto de ser mulher, será posta em causa.

Senti-me bem pensando nisto, porque imaginava uma Igreja de acções concretas, complementares, em benefício das pessoas. A samaritana, que rapidamente anima os seus vizinhos a irem directamente ao encontro de Jesus, não faz de si o centro da sua pregação. Sabe motivar outros na busca da Verdade.

Uma Igreja servidora, evangelizadora, desclericalizada... pensei que, se calhar, me estaria a fazer mal tanto descanso, mas não. No dia seguinte, Francisco apareceu na Congregação Geral, na qual já estávamos a tratar do primeiro esquema do documento final desta Assembleia. Francisco só tinha falado para comentar uma ou outra intervenção, um par de vezes. Desta vez interveio no princípio com um discurso breve, mas duríssimo contra o clericalismo, o abuso de poder e a Igreja como sistema fechado.

Disse que Jesus não escolhera como modelo de vida nenhum dos sistemas políticos ou religiosos do seu tempo porque eram fechados e exclusivos. Ele – disse Francisco – escolheu uma comunidade aberta na qual cabiam todos. Recordou que todos somos povo de Deus e que a hierarquia é parte desse povo porque vem desse povo. E acrescentou com voz clara e firme que

quando os ministros maltratam o povo de Deus, desfiguram a Igreja com atitudes machistas e ditatoriais.

Um silêncio na Aula Paulo VI de cortar à faca. Conforme escutava, sentia-me mais orgulhosa deste homem que, da sua cadeira de rodas e bastante só, é capaz de manter uma coerência evangélica que não precisa de explicações.

Despedi-me de Francisco no último dia em que veio à Aula dos trabalhos. Entrava e saía por uma porta lateral que está muito perto de Santa Marta. Esperei junto à porta até não restar ninguém na Aula. Parou e disse-me: «Pode ser que nos vejamos antes da próxima Assembleia, mas não nos vamos despedir com um aperto de mão. Dá-me um abraço?». E demos um abraço, enquanto me dizia: «Não se esqueça de rezar por mim, mas para bem, porque alguns...». E rimo-nos os dois. Tem a habilidade de fazer rir. É um homem fantástico. Um homem de Deus.

Agora sim, despeço-me até breve.

Um grande abraço a todos,

Cristina

V

Saragoça, 22 de Dezembro de 2023

À Comunidade de Santa Marta

Queridos amigos da comunidade de Santa Marta:

Calma, não vos escrevo desde Roma.

Estou no Natal que, evidentemente, não é um país, nem uma cidade, mas sim uma realidade temporal pela qual passamos uma vez por ano.

Seria bom que, além de passar por ela, ela ficasse connosco como uma atitude de vida durante muito tempo.

O Natal – para lá das luzes que nos seduzem a olhá-las –, é um convite a perceber a nossa fragilidade, que é a fragilidade de Deus, querida e procurada por ele.

Com o simples gesto de nascer de uma mulher e começar a sua vida *a partir de baixo*, deixou-nos muito claro que ele é um Deus que veio para servir o humano, e não para se servir do humano.

Esse simples gesto de nascer de uma mulher foi toda uma declaração de intenções, que se foi completando com o resto da sua vida frágil e forte, alegre e triste, humana e divina, porque Deus é um paradoxo. Um belo e intenso paradoxo.

A terra onde nasceu esse Deus que quis fazer-se um de nós desde o princípio, não é uma terra de paz neste momento. Seria bom que o Natal das luzes não enovoasse a realidade, com os seus *flashes* enganosos.

Não vos desejo um feliz Natal por obrigação, desejo-vos um feliz Natal, do fundo do meu coração, porque Deus continua a meter-se connosco e a confiar em nós. E é para estar e ser felizes.

Vemo-nos em Janeiro, em Lisboa, onde estarei todo o mês.

Um grande abraço para todos,

Cristina

VI

Roma, 3 de Outubro de 2024

Queridos amigos da comunidade de Santa Marta:
que vontade tenho de ver-vos!

Já estamos na Assembleia sinodal. Foi uma semana de reencontros, de cumprimentos, deu para conhecer algumas pessoas que foram incorporadas e sentir a falta de outras que não voltaram. Foi como se não tivesse passado um ano, mas passou e passaram-se muitas coisas.

Começámos com dois dias de retiro, e as meditações do Timothy Radcliffe foram uma maravilha. Jantei com ele duas noites – estamos alojados na mesma residência – e, com a sua proximidade, é como estar com um amigo de toda a vida. Próximo, divertido, actual, piadético, mas tudo o que diz tem um sentido profundo, revelando uma reflexão que o acompanha a vida inteira.

No retiro, tinha ao meu lado um bispo do Líbano. Chama-se Mounir Khairallah, da diocese de Batroun, no norte do país. Falámos várias vezes. Contava-me o medo que sentiram no avião, por não poderem descolar, devido às bombas que caíam no aeroporto e, já no ar, o perigo de alguma bomba os atingir. Os seus olhos enchiam-se de lágrimas. Explicava-me que, como o Líbano é tão pequeno, todo o país fica afectado. «Já não podemos mais, depois de anos e anos de guerra», dizia-me enquanto me mostrava fotos. «Quando recomeçamos a respirar, volta a guerra».

Leu-me algumas mensagens de apoio que chegavam da parte de pessoas que conhece de outros países, e ocorreu-me uma ideia. Pedi-lhe o seu contacto e ele deu-mo. Partilhei-o com o António Pedro e pensei que a Comunidade de Santa Marta poderia enviar-lhe uma carta de apoio. Um simples texto para que saiba e possa dizer na sua diocese que o recordamos e que, de Portugal, mesmo que estejamos longe, os acompanhamos. Sei que o agradecerá. Podemos pensar nisso durante uns dias e, se não vos parecer mal, podemos fazer-lhe chegar o nosso apoio e a nossa lembrança.

O encontro com Francisco também foi estupendo. Quando chegou o primeiro dia, a maioria de nós aproximamo-nos para cumprimentá-lo e, ao ver-me, piscou-me o olho, pegou-me nas

mãos e disse-me: «Há que continuar a fundo, inclusive quando terminar o Sínodo. Por favor, não deixe de escrever na mesma linha».

Parece bem, animado, acreditando firmemente que este é o caminho que devemos percorrer, mesmo seguindo tão sozinho, como sempre. Dei-lhe saudações vossas.

E assim foi a primeira semana. No próximo Sábado contar-vos-ei mais coisas.

Um abraço forte para todos. Tenho saudades vossas,

Cristina

VII

Roma, 10 de Outubro de 2024

Meus queridos amigos da comunidade de Santa Marta:

A semana não podia ter começado melhor: Timothy Radcliffe foi nomeado cardeal! Todos dos Sínodo que estamos alojados na mesma residência com ele, comemos numa sala de jantar só para nós, e, quando, no Domingo à noite, chegou para jantar, foi uma festa. Felicitações, piadas, fotos, canções... Ele estava feliz e tão simples e divertido, como sempre. Não temos lugares marcados à mesa e estamos sempre a mudar de mesa para podermos falar com todos. Pois bem, Timothy decidiu unir as várias mesas para jantar só com as mulheres e começar a tomar nota das nossas reivindicações. E vinha preparado. Tirou um caderno e começou a escrever o que dizíamos. Foi divertido. Dissemos-lhe muitas coisas e ele também nos disse...

A Assembleia continua, se bem que com outras tensões internas, devido às contradições que vemos nalgumas pessoas, e que estamos a pôr em evidência.

O trabalho das comissões criadas para tratar dos temas que se deveriam abordar com mais tempo, não satisfaz ninguém. Estão formadas por cerca de 10 a 12 membros e, as que têm mais mulheres, são duas. Muitos dos seus membros pertencem à Assembleia, mas não sabemos como terão sido escolhidos. Demasiadas coisas de que não gostamos e, por fim, nalguns círculos menores, decidimos falar destes temas para que fiquem reflectidos nas nossas aporções pessoais. Acreditamos que é o mais sinodal e ao que nos chama a nossa consciência. Definitivamente, decidimos aplicar isso de «nós e o Espírito Santo decidimos». Continua a ser verdade que os Papas mudam, mas as cúrias permanecem.

O ambiente é muito diferente do do ano passado. É mais do que evidente que a muitos bispos não lhes interessa avançar e, assim, é muito difícil poder alcançar consensos. É uma forma subtil de bloquear o trabalho da Assembleia porque, para lá de tudo, as suas aporções são muito superficiais – já que anotam quatro ideias sem sentido enquanto se faz a oração inicial.

Um dos temas que nós, mulheres, mais denunciámos é a incoerência entre o que falamos na Assembleia e o que logo a

seguir fazem nas celebrações – e digo «fazem» porque isto são os cardeais e os bispos. Nas missas em São Pedro, só estamos nós [do Sínodo], porque não deixam entrar mais ninguém. E estamos todos por classes: primeiro os cardeais, logo a seguir os bispos, depois os sacerdotes, seguidos dos diáconos – que, nestes dias, não fazem coisa alguma – e, no fim, como se nos fizessem um favor, os leigos. E numa lateral, com um certo respeito, os delegados fraternos de outras confissões cristãs.

Não aceitam que estamos misturados. Alguns dizem que só faltava ter ao lado uma mulher, enquanto celebram... Mas não se ficam por aí, ainda vão mais longe: não permitem que comunguemos com o pão e o vinho, como fazem eles. Ao «resto do povo de Israel» só lhes permitem comungar com o pão. Verdadeiramente, continuam a ser uma casta. Eu decidi não participar em qualquer celebração dessas.

Mas não penseis que estou desanimada, pelo contrário. Conto-vos tudo isto porque acredito que ao povo de Deus não se pode enganar, e eu a vós muito menos. Tudo isto faz-me reafirmar a ideia de que só as pequenas comunidades serão capazes de fazer a grande mudança.

Eles preocupam-se com que cada pontinha das suas inúteis vestes esteja bem colocada. E nós, pelo meio, disfrutaremos do encontro com Jesus e connosco.

Já falta menos para nos vermos.

Um grande abraço.

Cristina

VIII

Roma, 16 de Outubro de 2024

Meus queridos amigos da comunidade de Santa Marta:

Este ano, estou alojada muito próximo do Vaticano. Pela manhã, dou a volta à praça de São Pedro para caminhar um pouco antes de começar a trabalhar.

Sob a faustosa colunata da praça, que parece abraçar quem se aproxima dela, vivem muitas pessoas sem casa, protegidas por mantas e algumas caixas, ou tendas de campismo, que sempre lhes dão alguma intimidade e abrigo. Francisco convida estas pessoas, frequentemente, a tomar o pequeno-almoço ou a almoçar, na aula Paulo VI – onde trabalhamos durante o Sínodo – e preocupa-se também com que tenham cuidados de saúde gratuitos.

Um dia, quando passei por ali, pensei tirar umas fotografias, mas rapidamente pensei na sua privacidade, na sua vida, na sua dignidade. Mudei da ideia das fotografias para conversar com

alguns deles. São pessoas muito amáveis que agradecem que lhes dediquemos um pouco de tempo. Maioritariamente são homens, ainda que haja algumas mulheres, que são mais reservadas.

Na passada Segunda-feira, quando me aproximei para saudá-los, disseram-me que Gianni tinha falecido no Domingo à tarde. Estavam absolutamente desolados e eu sentia-me envergonhada porque era incapaz de me recordar do rosto de Gianni. Alguns aproximaram-se e perguntaram-me se me importava que me dessem um abraço... Abraçámo-nos e pensei nos fortes laços que se teceram entre eles. Falavam do «nosso Gianni». Para minha surpresa, convidaram-me para o funeral, que era no dia seguinte. Como a acreditação para a Assembleia me permite aceder ao Vaticano sem problemas, disse que sim.

O funeral foi às 9 horas da manhã, na Basílica de São Pedro, no mesmo altar onde celebrámos a eucaristia. Cheguei atrasada à Assembleia, mas não tenho qualquer problema. Diante do altar estava um simples caixão com o corpo do Gianni e, por cima, um pequeno ramo de flores que lhe compraram os amigos. Fiquei uns bancos atrás, mas aproximaram-se e pediram-me para que ficasse junto deles.

Um pouco antes de começar o funeral, a que presidiu o cardeal Krajewski – o cardeal responsável pela ajuda à Ucrânia e que cuida destas pessoas – abriu-se uma pequena porta e

apareceu Francisco, na sua cadeira de rodas. Aproximaram-no do caixão e tocou-o com a sua mão esquerda, enquanto o abençoava com a direita. Logo se aproximou dos bancos a saudar todos os amigos do Gianni. O funeral foi simples, porém o órgão soava maravilhosamente para a despedida do bom Gianni.

Suponho que tenham acontecido mais coisas esta semana, mas poder acompanhar o Gianni na sua despedida foi o melhor que pude partilhar convosco.

Um forte abraço para todos,

Cristina

IX

Roma, 23 de Outubro de 2024

Meus queridos amigos da comunidade de Santa Marta:

Luca Casarini – de quem vos falei no ano passado – contou-nos noutra dia que estavam no Mediterrâneo, em frente à costa da Líbia, à procura de um pequeno barco que tinha enviado um sinal de socorro, com 300 pessoas a bordo. O sinal perdeu-se. Luca insistia em dar voltas até o localizar. O piloto do seu barco era a segunda vez que saía e Luca não sabia nada sobre ele, em concreto. De repente, alguns golfinhos posicionaram-se à frente do barco, indicando uma direcção constante. E, para surpresa do Luca, o piloto disse: «Olha, Luca! O Espírito Santo nem sempre tem a forma duma pomba. Os golfinhos indicaram-nos o barco que está ali, vê!». E resgataram-nos a todos.

Pois bem, agora estamos todos como o piloto do barco do Luca: rodeados de golfinhos, de novas presenças do Espírito que têm formas de propostas inesperadas, comentários de quem

menos esperavas, inclusive, conversas na pausa do café que fazem surgir ideias... Algo mudou de repente. Já não existe aquele ambiente das primeiras semanas.

Não sei o que vai acontecer no fim, mas, seja o que for, supõe uma mudança, que não tem a ver com que as mulheres sejamos ou não diáconos, ou que os sacerdotes possam casar ou não. A mudança não pode começar pelo fim. Trabalhámos muito durante três anos para acreditar que tudo se reduz ao que gostaríamos que fosse. Este ano pude ver muito mais claramente as tremendas diferenças que temos na Igreja. E são diferenças maravilhosas.

No outro dia, assisti a uma reunião da Associação de Bispos Africanos, porque explicavam como estão a trabalhar as necessidades pastorais das famílias poligâmicas. Foi triste porque, de toda a Assembleia, fui eu a única que assistiu. Aprendi muitíssimo sobre a poligamia e sobre a sua maneira de encarar a pastoral para cuidar dessas famílias. No fim, perguntaram-me o motivo da minha vontade de assistir e disse-lhes que quase ninguém se deu conta de que, na Europa, há famílias poligâmicas africanas que não existem perante a lei, porque esse modo de família não se considera família no nosso continente. Agradeceram muito a minha presença. Agora, quando nos cruzamos na Aula Paulo VI, ou durante a pausa do

café, todos me saúdam como se nos conhecêssemos desde sempre.

Nós, na nossa pequena comunidade [de Santa Marta], seguiremos em caminho, construindo, animando-nos, equivocando-nos, caindo e levantando-nos para nos sentirmos companheiros de caminho, pisando poças juntos e procurando estrelas levantando os olhos ao universo.

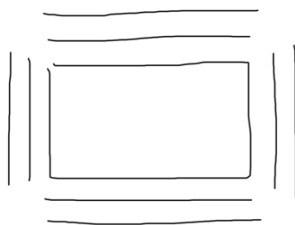
Dizia Timothy Rafcliffé no retiro antes da Assembleia sinodal que Deus chama-se «Sempre» e está aí com todos. Assim, com Sempre, com todos e para todos, estamos convidados a prosseguir tornando realidade, todos juntos, o que fomos caminhando e partilhando nos últimos três anos, que é muito e está chamado a ser mais. Nem Deus nos pede que esteja tudo feito amanhã. Haverá noites com luz e dias obscuros. E haverá dias com luz e noites escuras. Mas, da realidade sinodal que pretendemos viver em Santa Marta, o bom é que, quando chega a noite, o que é maravilhoso não obscurece, antes permanece presente no hoje de cada dia.

Até ao próximo Sábado. Já falta pouco para nos vermos!

Um forte abraço para todos,

Cristina

Carta I	–	<i>Roma, 4 de Outubro de 2023</i>	5
Carta II	–	<i>Roma, 11 de Outubro de 2023</i>	9
Carta III	–	<i>Roma, 20 de Outubro de 2023</i>	13
Carta IV	–	<i>Roma, 27 de Outubro de 2023</i>	17
Carta V	–	<i>Saragoça, 22 de Dezembro de 2023</i>	21
Carta VI	–	<i>Roma, 3 de Outubro de 2024</i>	23
Carta VII	–	<i>Roma, 10 de Outubro de 2024</i>	27
Carta VIII	–	<i>Roma, 16 de Outubro de 2024</i>	31
Carta IX	–	<i>Roma, 23 de Outubro de 2024</i>	35



CAPELA DO HOSPITAL DE SANTA MARTA | LISBOA